

# Sacco e Vanzetti: trabalhadores migrantes, anarquistas e condenados

*Eduardo da Silva Soares\**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) /  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Imperatriz Leopoldina  
Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
eduardosoares@rocketmail.com

*Glaucia Vieira Ramos Konrad\*\**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil  
glaucia-k@uol.com.br

## *Resumo:*

Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram dois italianos migrados nos Estados Unidos da América, no início do século XX. Neste país, criaram laços com o anarquismo e se envolveram no movimento operário. Foram condenados sob acusação de roubo e assassinato. A defesa justificou que a condenação envolveu a perseguição e o preconceito contra a nacionalidade, a ideologia e a classe que pertenceram. Este prejuízo inspirou os movimentos de defesa de Sacco e Vanzetti, inclusive em Porto Alegre, Brasil. Este é o recorte espacial e o recorte temporal desta produção. O objetivo é o de estudar os acontecimentos de tal lugar, buscando compreender como esse caso afetou o movimento operário porto-alegrense.

*Palavras-chave:* Caso Sacco e Vanzetti; Anarquismo; Trabalhadores migrantes; Movimento operário.

\* Doutorando em História, Programa de Pós-Graduação da UFSM / Professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Imperatriz Leopoldina (Cachoeira do Sul, RS).

\*\* Professora Doutora em História, UFSM / Programa de Pós-Graduação da História da UFSM.

*Abstract:*

Nicola Sacco and Bartolomeo Vanzetti were two Italians migrated in the United States in the early twentieth century. In this country, they created ties with anarchism and became involved in the labor movement. They were convicted on charges of robbery and murder. The defense justified that the conviction involved persecution and prejudice against the nationality, ideology and class that belonged. This loss inspired the Sacco and Vanzetti defense movements, including in Porto Alegre, Brazil. This is the spatial clipping and the temporal cut of this production. The objective is to study the events of this place, trying to understand how this case affected the workers' movement porto-alegrense.

*Keywords:* Case of Sacco and Vanzetti; Anarchism; Migrant workers; Labor movement.

## INTRODUÇÃO

Escrever a respeito de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti é um grande desafio.<sup>1</sup> As trajetórias que os levaram à cadeia elétrica, as ideias defendidas ao longo de suas vidas, a comoção internacional existente no período, são componentes de uma tragédia apaixonante.<sup>2</sup> Sacco e Vanzetti inspiraram músicos, pintores, poetas e escritores. As referências a eles são utilizadas para transmitir mensagens de paz, contrárias a todas as formas de intolerância.<sup>3</sup>

Os dois italianos transformaram-se em “un símbolo dela lotta contro le ingiustizie e per i diritti umani” (Amnesty International, 2016).<sup>4</sup> E, com as músicas *Here’s to you* (1980) e *The Ballad of Sacco and Vanzetti* (1976), de Joan Baez e Ennio Morricone,<sup>5</sup> Sacco e Vanzetti foram imortalizados, como também, no cinema, com Giuliano Montaldo, em 1971.

Para não deixar esquecer o que aconteceu e, necessariamente, para que casos similares nunca mais ocorram, dois monumentos foram construídos ao longo do século XX à memória de Sacco e Vanzetti. Um foi posto na *Boston Public Library*,<sup>6</sup> nos Estados Unidos da América, o outro no cemitério de Tor-

<sup>1</sup> Esta obra faz parte da pesquisa de doutorado em História, com vínculo no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, e tem como orientadora a professora Doutora Glauca Vieira Ramos Konrad.

<sup>2</sup> Ben Shahn pintou, entre 1931 e 1932, a obra *The Passion of Sacco and Vanzetti*, presente no *Whitney Museum of American Art*. Foi desta referência que se inspirou para utilizar a expressão “apaixonante”, pois, de alguma forma, a trajetória daqueles italianos cativa a todos que conhecem.

<sup>3</sup> A Anistia Internacional editou um vídeo clip que narra um fragmento da história de Sacco e Vanzetti. No vídeo, vários ativistas cantam um pedaço da música, e com cada parte, formam o todo. É uma mensagem de paz, de tolerância, de esperança e que defende uma sociedade mais justa, para “all the Nicolas and Barts in the World” (tradução livre: “todos os Nicolas e Barts do mundo”). Disponível em [[https://www.youtube.com/watch?v=hOOYjUcq\\_0g](https://www.youtube.com/watch?v=hOOYjUcq_0g)] e [<http://www.amnesty-basel.ch/to-all-the-nicolas-and-barts-in-the-world-heres-to-you/>].

<sup>4</sup> O link da *Amnesty International #herestoyou* não estava funcionando no dia 17.03.2017, então, registrou-se a referência com o ano da publicação no *Youtube.com*. O vídeo pode ser conferido conforme o primeiro link da nota de rodapé 3. Todas as traduções foram livres para o português: “um símbolo da luta contra todas as injustiças e pelos direitos humanos”.

<sup>5</sup> Joan Baez é uma cantora e ativista social estadunidense. Ennio Morricone nasceu em Roma, em 1928. Em 1971, Ennio Morricone gravou para o filme *Sacco e Vanzetti* de Giuliano Montaldo.

<sup>6</sup> Richard Kreitner (2014) escreveu sobre o monumento de Boston dedicado a Sacco e Vanzetti. Houve a crítica em relação a instalação no interior da Biblioteca Pública, porém, foi o espaço concedido e lá fixado. Este monumento invocou a “liberdade” como uma condição de vida para todas as pessoas.

*remaggiore*,<sup>7</sup> na Itália. As “forças da liberdade” de antigamente devem inspirar as de hoje.

A necessidade de investigar o caso Sacco e Vanzetti é de suma importância para o conhecimento histórico, como, também, para os movimentos sociais de defesa dos direitos humanos contemporâneos. Destarte, neste artigo, focou-se apenas no conhecimento histórico, mantendo o recorte espacial no Rio Grande do Sul, Brasil e, o recorte temporal a década de 1920. Neste sentido, o texto está dividido em dois capítulos. O primeiro aborda, de forma breve, o contexto estadunidense e o caso Sacco e Vanzetti. No segundo, os jornais do Rio Grande do Sul são as fontes utilizadas e que apontam os fatos ocorridos neste estado.

## OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E O CASO SACCO E VANZETTI

*“America, Land of the Free?  
Not for Italians!”*  
Amir Seliman (2011: 06)

Milhares de imigrantes encontraram nos Estados Unidos da América a esperança de sucesso na vida. Muitos obtiveram algum êxito, outros foram frustrados por algumas eventualidades.

Eles foram presos, condenados e executados em um processo que durou sete anos. Entre 1920 e 1927 os Estados Unidos da América se tornaram o palco de uma luta ideológica, jurídica e étnica. De um lado, o chauvinismo, de outro, o movimento operário, anarquista, comunista, entre outros. Sacco e Vanzetti representaram o fragmento de um grupo que imigrou aos Estados Unidos da América “to come and find work here and start a new life” (Seliman, 2011: 6).<sup>8</sup>

A importante ação sindical contra a exploração dos trabalhadores, a intensa repressão aos socialistas, comunistas (criação do Partido Comunista) e anarquistas, aliada a forte presença de imigrantes italianos, russos. A intensa crise econômica do país pós-guerra, a deportação de milhares de imigrantes,

<sup>7</sup> Em Torremaggiore foi erguido um monumento fúnebre para Sacco e Vanzetti. A intenção da ação foi o de pontuar a inocência daqueles italianos. Ao citar a fala do ex-governador de Massachusetts, Michael Dukakis, a referência “apagava” o nome deles como criminosos. A principal mensagem foi um aviso para que os lutadores da liberdade nunca deixem de lutar contra qualquer forma de injustiça. Maiores informações consultar Severino Carlucci em *Il monumento a Sacco e Vanzetti a Torremaggiore*.

<sup>8</sup> “Para vir e encontrar trabalho aqui e começar uma nova vida”.

enfim, um quadro que envolveu o que Marinelli (2007: 43), frisou, pois, para ela, existiu a “repressione contro immigrati, anarchici e lavoratori in lotta per i diritti”,<sup>9</sup> que era baseada na “logica del capro espiatorio”.<sup>10</sup>

Foi necessário levar em conta também, que as ações de repressão aos trabalhadores imigrante e não imigrantes e sindicatos por parte do Estado, estava na esteira de impedir uma revolta comunista nos moldes da Rússia, assim não havia muita distinção entre as ideologias, e nisso, colocavam comunistas, anarquistas, socialistas no mesmo plano de combate. Anular o máximo possível as ideias “de fora”. Ensinar os princípios de sociedade dos Estados Unidos da América. E, mais, para melhor controlar, a *Sedition and Espionage Act*, 1917, conforme Flavia Tudini (2013: 2), “si cerca di uniformare il pensiero ed il comportamento dei cittadini attraverso una profonda opera di americanizzazione e con la persecuzione del movimento operaio”.<sup>11</sup>

Sacco e Vanzetti experimentaram “na pele” a lógica do “anti-Italianism, (...) include discrimination, prejudice, and even violence” (Seliman, 2011: 7).<sup>12</sup> Não viveram para ver que “on August 23, 1977 (exactly 50 years after the execution) the then Governor of Massachusetts, Michael Dukakis, issued a proclamation which absolved the two men of the crime” (Seliman, 2011: 7-8).<sup>13</sup>

Mas, estavam vivos para enfrentar a *Red Scare* e a caça aos “vermelhos”, ou seja, a perseguição contra os anarquistas e comunistas (Schmidt, 2004).

A polícia buscava controlar os movimentos dos elementos perigosos, fiscalizando e monitorando os indesejáveis (Schmidt, 2004). O medo era justificado por causa do ocorrido em 1901, ou seja, “the assassination of President McKinley” (Jensen, 2001: 15).<sup>14</sup> A partir daquele momento os Estados Unidos da América participaram e/ou organizaram discussões com outros países, focando na “police cooperation” e no “anti-anarchist protocol” iniciado em 1904, na cidade de São Petersburgo.

No território estadunidense, desde “1901-1902 the Secret Service” possuía “lists with the names and addresses (often only by city) of hundreds of anarchists living in the United States” (Jensen, 2001: 20). Nesta lista constava

<sup>9</sup> “Repressões contra imigrantes, anarquistas e trabalhadores em luta por seus direitos”.

<sup>10</sup> “Lógica do bode expiatório”.

<sup>11</sup> “se cerca de uniformizar o pensamento e o comportamento dos cidadãos através de uma profunda obra de americanização e com a perseguição do movimento operário”.

<sup>12</sup> “anti italianidade (...) inclui discriminação, prejuízo, e até mesmo violência”

<sup>13</sup> “Em 23 de agosto de 1977 (exatamente 50 anos após a execução), o então governador de Massachusetts, Michael Dukakis, emitiu uma proclamação que absolveu os dois homens do crime”.

<sup>14</sup> “O assassinato do presidente McKinley”.

140 nomes referentes “the ‘Italian French’ group”. Deste modo, a formação da *Red Scare* foi anterior a chegada de Sacco e Vanzetti, que ocorreu em 1908.

A opinião pública poderia estar em consonância com os jornais. Desta forma, pensou-se que, durante todo o caso, houve o acompanhamento dos leitores do que era publicado na imprensa. Através dela foi perceptível que a polícia manteve um trabalho exaustivo para manter sob controle e vigilância os apoiadores daqueles italianos. Tanto que no dia 22 de agosto de 1927, o *The New York Times* publicou: “public tension was heightened and Superintendent of Police Michael H. Crowley decided to continue the rigorous policy of forbidding all picketing or other demonstrations tomorrow (*The New York Times*, 22.08.1927, p. 1).<sup>15</sup>

“Suddenly two mounted policemen spied the picketers”,<sup>16</sup> no fim, eles derrubaram o piquete. A escritora Katherine Anne Porter (1978) escreveu a respeito de suas experiências nas manifestações pró Sacco e Vanzetti.<sup>17</sup> Porter (1978: 30) recordou que uma vez, em “um certo hotel perto de Boston Common tinha sido encampado por vários grupos organizadores das manifestações”, eles ocupavam os mesmos espaços, mas existiam as diferenças ideológicas. E, entre todas as pessoas, havia a atmosfera “de disciplina monástica, obediência, comunidade de espírito, todos trabalhando para um fim comum com fé em sua causa e confiança recíproca”.

A autora repensou muitas vivências ao longo da obra, chegando a questionar a inocência de Nicola Sacco e a verdadeira intenção de algumas lideranças em relação a defesa da vida daqueles anarquistas. Declarou, ela:

observei uma vez para a nossa líder comunista que, mesmo então, numa fase já tardia, eu ainda tinha esperanças de que as vidas de Sacco e Vanzetti pudessem ser salvas e de que eles pudessem ter outro julgamento. ‘Salvos!’, disse ela, (...) ‘Quem deseja que eles sejam salvos? Que poderiam eles fazer na terra por nós, vivos?’ (Porter, 1978: 37).

A partir da memória de Porter foi possível compreender que existiam as prisões dos militantes. Existiam grupos que conviviam em prol de uma causa, lutando nas mesmas fileiras, mesmo havendo diferenças teóricas.

<sup>15</sup> “A tensão pública foi aumentada e o Superintendente da Polícia Michael H. Crowley decidiu continuar a rigorosa política de proibir todas as piquetes ou outras manifestações amanhã”

<sup>16</sup> “De repente dois policiais montados espiaram os piqueteiros”

<sup>17</sup> Porter (1978: 37) chegou a declarar-se, na obra, ou seja, posteriormente ao caso, como “outra dessas burguesas liberais que se metem no meio de coisas sérias”. Deste modo, ela admitia não aderir ao movimento político partidário e/ou de esquerda, mesmo que admitisse colaborar com pelo menos um comitê comunista.

Os italianos que imigraram para os Estados Unidos da América criaram redes de solidariedade e ajuda mútua. Vanzetti (2011, em *Sacco y Vanzetti...*) recordou em sua autobiografia as suas vivências por diversas cidades, entre diversas pessoas, sendo a maioria de italianos de várias origens. Para cada experiência, um novo elo. Em cada cidade, a possibilidade de novas orientações, dicas e ajudas. Assim foi, desde 1908 há 1920.

Ele recordou de situações anteriores ao caso, desde a primeira visão de Nova York, a qual “se destacaba e nel horizonte con todos sus esplendores y esperanzas” (Vanzetti, 2011: 30, em *Sacco y Vanzetti...*).<sup>18</sup> Lembrou que, ao desembarcar, muitos “niñitos, que debían estar alerta com la espera, se prendian a las faldas de sus madres, llorando atemorizados”.<sup>19</sup> Pois, ali, Vanzetti perceberia que o espírito era “hostil”. “La barraca inmigratoria”<sup>20</sup> não foi uma boa recordação. Neste local, ou melhor, neste momento “me pareció haber despertado en una tierra donde mi lenguaje equivalia, para los naturales del país, poco menos que a expresiones lastimeras de un mundo animal”.<sup>21</sup>

**Figura 1.** A autora sendo levada para o posto policial (quarta a partir da esquerda).



Fonte: Porter (1978: 46-47).

<sup>18</sup> “Se destacava no horizonte com todos os seus esplendores e esperanças”

<sup>19</sup> “criancinhas, que deviam estar alerta com a espera, se agarravam as saias de suas mães, chorando aterrorizados”.

<sup>20</sup> “A barraca imigratória”.

<sup>21</sup> “Me pareceu haver despertado em uma terra onde a minha língua equivalia, para os naturais do país, pouco menos que as expressões lastimeiras de um mundo animal”.

As novas amizades formadas a partir desta experiência foram determinantes na vida de Vanzetti. No momento em que precisou contar com a comunidade italiana, ele conseguiu, pois, quando a defesa chamou os álibis dele, “treinta italianos se presentaron ante el tribunal (...). Podían haber sido más, per su presencia ali solo habría sido acumulativa” (Vanzetti, 2011: 38, em *Sacco y Vanzetti...*).<sup>22</sup> Mas, mesmo com todo este esforço, a justiça estadunidense não considerou como válidas estas testemunhas, já que elas eram italianas e poderiam nutrir a amizade ou o sentimento de defesa em relação ao acusado.

Foi importante lembrar que os álibis afirmavam que Vanzetti, como vendedor de peixe, estava trabalhando exaustivamente no dia do crime. A defesa alegou que comer peixes e enguias na véspera do natal era parte da cultura italiana. Assim, a comunidade era invocada em seus aspectos culturais e gastronômicos. A atuação de vendedor de Vanzetti era importante e justificável frente à comunidade, com isso, esperava-se que a justiça compreendesse e acatasse as alegações da defesa. Apenas para frisar: isso não aconteceu.

Dos escritos de Nicola Sacco, percebeu-se algo comum a vários outros militantes libertários: ele conheceu e virou anarquista depois que migrou. Citou que quando chegou “a América, [era] casi ignorante de las cuestiones políticas y de las múltiples y multicolores tendencias” (Sacco, 2011: 42, em *Sacco y Vanzetti: sus vidas, sus alegatos, sus cartas*).<sup>23</sup> Bencivenni (2011: 103) pontuou que a rede dos “radical groups”,<sup>24</sup> através de seus “newspapers, or solidarity campaigns for political prisoners”<sup>25</sup> envolvia homens e mulheres. E, então, o autor citou que Rosina, a esposa de Sacco, matinha certa regularidade no “radical theater group of Milford, Massachusetts”.<sup>26</sup> O anarquismo era vivido e compartilhado em casa, e, de casa para a rua e vice-versa.

Sobre a consciência de classe, Vanzetti (2011: 34, em *Sacco y Vanzetti...*) sistematizou melhor do que Sacco quando escreveu:

Durante los dos años que pasé en Springfield y en Meriden otras muchas cosas aprendí, además del toscano. Aprendí a amar y a simpatizar con aquellos que como yo estaban resueltos a aceptar un salario mísero con tal que conservara el cuerpo y dejara en salvo el espíritu. Aprendí que la conciencia de clase no era frase inventada por los propagandistas, sino que

<sup>22</sup> “Trinta italianos se apresentaram ante o tribunal (...). Poderiam ser mais, porém sua presença ali somente teria sido acumulativa”.

<sup>23</sup> “A América, [era] quase ignorante das questões políticas e das múltiplas e multicores tendências”.

<sup>24</sup> “Grupos radicais”.

<sup>25</sup> “Os jornais ou campanhas de solidariedade para os presos políticos”.

<sup>26</sup> “Grupo de teatro Radical de Milford, Massachusetts”.



representaba una fuerza vital, real, y que aquellos que comprenden su significado no son ya simples bestias de carga, sino seres humanos.<sup>27</sup>

Foi através das experiências que chegaram à consciência de classe. Foi reconhecendo-se como explorado e produtor das riquezas sociais. Logo, ao perceber que deixava de aproveitar o que era produzido pelas suas e pelas mãos dos seus colegas de classe, Sacco e Vanzetti aderiram ao anarquismo para resistir e lutar por melhorias sociais.

Das últimas palavras antes da morte, a confissão de um único “crime” na vida. Sacco foi um apaixonado pelo viver e pelo anarquismo. Em suas reflexões a respeito da própria trajetória, Sacco (2011: 43, em *Sacco y Vanzetti...*) declarou:

Mi crimen, el único crimen, del que estoy orgulloso, es el de haber soñado una vida mejor, hecha de fraternidad, de ayuda mutua; de ser, en una palabra, anarquista, y por ese crimen tengo el orgullo de terminar entre las manos del verdugo. Pero que tengan luego el coraje de decirlo, de gritar al mundo –los gobernantes y los asalariados de los Estados Unidos– que habiendo adquirido su independencia en nombre de la libertad, ellos pisotean esa libertad en todos los actos de su existencia.<sup>28</sup>

Uma ideologia baseada na fraternidade, na ajuda mútua e, principalmente, na liberdade de todas as pessoas, esta era a crença de Sacco. A sua condenação, segundo a percepção dele, era por ser anarquista. E, por morrer desta forma, considerou: “Yo moriré dichoso de añadir mi nombre oscuro a la lista gloriosa de los mártires que han creído en la revolución social y en la redención humana” (Sacco, 2011: 43, em *Sacco y Vanzetti...*).<sup>29</sup>

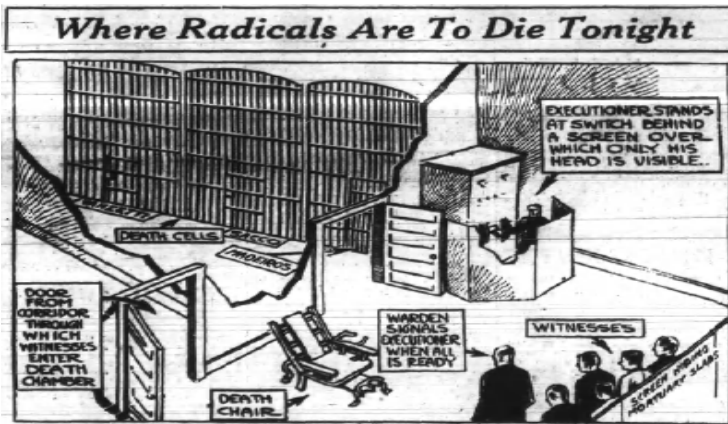
<sup>27</sup> “Durante os dois anos que passei em Meriden em Springfield e muitas outras coisas além da Toscana aprendido. Eu aprendi a amar e simpatizar com como aqueles que estavam determinados a aceptarun sarampo desde reter o corpo e deixá-la, exceto o salário espírito. Eu aprendi que a consciência de classe não foi inventado por frase propagandistas, mas representou uma força vital, real, e que aqueles que entendem o seu significado não são mais meras bestas de carga, mas seres humanos”.

<sup>28</sup> “Meu crime, o único crime, de que estou orgulhoso, é o de haver sonhado uma vida melhor, feita de fraternidade, de ajuda mútua; de ser, em uma palavra, anarquista e por esse crime tenho o orgulho de terminar entre as mãos de verdugo. Porém que tenham logo a coragem de dizer, de gritar ao mundo –os governantes e os assalariados dos Estados Unidos– que havendo adquirido sua independência em nome da liberdade, eles pisoteiam essa liberdade em todos os atos de sua existência”.

<sup>29</sup> “Morrerei feliz de adicionar meu nome escuro a lista gloriosa dos mártires que crearam na revolução social e na redenção humana”.

Como mártires morreram. Sem verem a revolução social e nem a redenção humana aos moldes anarquistas, pagaram com as próprias vidas o temor do significado destas expressões. Estes “vermelhos” ou “radicais” motivaram milhares de pessoas a sonharem com um mundo mais justo. Estamparam as primeiras páginas de vários jornais. A forma como seriam mortos foi noticiado, e, com esta orientação, um jornal de Albany, do estado de Nova York, publicou a chamada: “Radicals die tonight: Fuller fails to act” (*The Times Union*, 22.08.1927, p. 1),<sup>30</sup> havendo, na sequência, a seguinte ilustração.

**Figura 2.** The death house, where Sacco and Vanzetti meet their fate goon after midnight.



Fonte: *The Times Union* (22.08.1927, p. 1).

A posição das celas, dos responsáveis por controlar a execução, a cadeira até a porta pela qual passariam os condenados. Publicar sobre o caso Sacco e Vanzetti parecia vender bem nas bancas de jornais. O sensacionalismo da imprensa chamou: “reds refuse church rites”,<sup>31</sup> que era, na verdade, uma entrevista com um padre responsável pela absolvição dos pecados. Eles rejeitaram o sacramento, o que segundo as palavras do padre Murphy: “(...) refused, saying that he preferred to die as he had lived, outside its pale”.<sup>32</sup> Com certeza tal publicação serviria para manipular a opinião pública contra aqueles “vermelhos”.

<sup>30</sup> “Radicais morrem esta noite: Fuller não falha o ato”

<sup>31</sup> “Vermelhos recusam rituais da igreja”.

Já o *Schenectady Gazette* dedicou uma coluna chamada “FACTS IN CASE OF 2 RADICALS” para falar de Sacco e Vanzetti.<sup>33</sup> A trajetória do caso inicia após a sentença. Eles eram “active in spreading radical propaganda” (*Schenectady Gazette*, 23.08.1927, p. 6).<sup>34</sup> Com eles foi encontrado “radical literature”.<sup>35</sup> A partir das informações, foram apresentados outros fragmentos do processo, os quais já foram tratados anteriormente. Então, prosseguindo o texto, percebeu-se a citação em relação a um comitê de defesa a Sacco e Vanzetti.

A Sacco-Vanzetti defense committee was organized and financial aid was sought to help them. The cry was raised that the men had been found guilty because they were radicals. About this time the first of the demonstrations in their favor was made by a labor committee in Milan, Italy. In the seven years that dragged out before Governor Alvan T. Fuller made his decision on the case, numerous threatening letter were received by men prominent in the case, and bombs were placed near the American embassies at Paris and Buenos Aires, the American legation at Montevideo and other places in Mexico, Europe and South America (*Schenectady Gazette*, 23.08.1927, p. 6).<sup>36</sup>

Novamente houve a tentativa de colocar a opinião pública contra aqueles italianos e seus defensores. Ao contrário de citar e dar ênfase às ações realizadas pelos comitês espalhados por inúmeras cidades do mundo, preferiram pontuar os casos ligados ao terrorismo ou atentados contra os estadunidenses. A lógica do terror apresentava “provas” da capacidade do que os “outros”, no caso, os anarquistas radicais, poderiam fazer, caso garantissem espaços e legitimidade para tal. Anarquismo como sinônimo de terrorismo foi a lógica apresentada durante o início do século XX, e este recorte apenas reforçou tal convicção.

As manifestações frente as embaixadas estadunidenses existiram. Muitos atentados também, porém, o movimento pró Sacco e Vanzetti não se limitou

<sup>32</sup> “(...) recusou, dizendo que preferia morrer como tinha vivido, fora de seu pálido”.

<sup>33</sup> Manteve-se os grifos do original. Tradução: “Fatos no caso de 2 radicais”.

<sup>34</sup> “Ativos em espalhar propaganda radical”.

<sup>35</sup> “Literatura radical”.

<sup>36</sup> “Organizou-se um comitê de defesa Sacco-Vanzetti e procurou-se ajuda financeira para ajudá-los. O grito foi levantado que os homens tinham sido encontrados culpados porque eram radicais. Por volta desta época, a primeira das manifestações em seu favor foi feita por uma comissão de trabalho em Milão, Itália. Nos sete anos que se arrastaram antes que o governador Alvan T. Fuller tomasse sua decisão sobre o caso, várias cartas ameaçadoras foram recebidas por homens proeminentes no caso, e bombas foram colocadas perto das embaixadas americanas em Paris e Buenos Aires, a legação americana em Montevideu e outros locais no México, Europa e América do Sul”

a isso. Em Montevidéu, por exemplo, houve a chamada no jornal *Anarkos* (8.12.1921, p. 2) para “demonstraciones públicas ante la embajada que representa en el extranjero a los inquisidores de America”.<sup>37</sup> A assinatura vinha acompanhado por um “Comité de Defensa”, e o nome José Marinero.

As greves e manifestações em espaços públicos que confrontavam os Estados Unidos da América também ocorreram no Brasil. Já na Argentina, em Rosário, “the labor unions of the city (...) declared a general strike” (*Buffalo Courier-Express*, 5.08.1927, p. 2). Enquanto que em Buenos Aires, “although several strikes are likely to be the outcome of tonight’s labor union meetings”. Sem dizer que nesta última cidade após “the news or the decision last night was to double police vigilance at the American embassy, consulate, American Club, banks, etc”. A Argentina do dia 4 de agosto de 1927 estava agitada com os seus “extremists” e a polícia teria muita vigilância por fazer até o final deste caso.

Enquanto o “mundo” inteiro se agitava, em Boston,

from the death house of the state prison Nicola Sacco and Bartolomeo Vanzetti today wrote brief, fiery letters to ‘friends all over the world’, denouncing Governor Fuller, prosecuting officials and ‘state perjurers’ as ‘murderers’. Vanzetti’s letter ends with ‘we die for anarchy. Long life to anarchy’ (*Buffalo Courier-Express*, 5.08.1927, p. 2).<sup>38</sup>

O trecho da carta de Vanzetti foi publicado e, também, uma outra de Sacco, dedicada aos “my dear friends and comrades”,<sup>39</sup> em um momento próximo da execução, que estava marcada para o dia 10, sendo adiada, posteriormente.

Para Sacco, a decisão do governador pela execução não lhe causava surpresa, pois “the capitalista classis hard, without any mercy to the good soldiers of the revolution”.<sup>40</sup> Cabe dizer, então, que as cartas foram apelos para os amigos e camaradas da dupla. A partir do que elas diziam foi que muitos comitês se basearam para organizar a sua instituição e os seus movimentos.

Os jornais foram os grandes difusores das notícias e até das ideias de Sacco e Vanzetti. De forma geral, a maioria dos periódicos do período dedicou parte

<sup>37</sup> “Demonstrações públicas frente à embaixada que representa no estrangeiro os inquisidores da América”.

<sup>38</sup> “Da casa de morte da prisão estadual Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti escreveram hoje cartas breves e ardentes a ‘amigos de todo o mundo’, denunciando o governador Fuller, processando funcionários e ‘perjuros do estado’ como ‘assasinos’. A carta de Vanzetti termina com ‘morremos pela anarquia. Longa vida à anarquia’”.

<sup>39</sup> “Meus queridos amigos e camaradas”.

<sup>40</sup> “A classe capitalista é dura, sem nenhuma misericórdia com os bons soldados da revolução”.

de suas publicações para falar do caso. E, para melhor entender a repercussão e o protesto no Brasil, ou melhor, no estado do Rio Grande do Sul, passa-se agora para o próximo capítulo.

## O CASO SACCO VANZETTI NOS JORNAIS DO RIO GRANDE DO SUL: O PROTESTO

Os jornais consultados foram: *O Correio do Povo*, de Porto Alegre, de um grupo empresarial e abrangendo os anos de 1920 e 1927. *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-grandense, entre os anos 1920 e 1927. *O Syndicalista*, de predomínio anarquista. O objetivo central foi perceber o que foi noticiado e os protestos ocorridos no Rio Grande do Sul.

Clóvis Moura (1979) foi, até então, o escritor brasileiro que dedicou mais “fôlego” nas investigações a respeito do caso Sacco e Vanzetti e o “protesto brasileiro”. Moura (1979: 7), destacou que o evento estadunidense “pegou o movimento operário brasileiro em plena efervescência ideológica”, no qual havia, em linhas gerais, “de um lado, os marxistas –quase todos ex-anarquistas–, de outro, os anarquistas e anarco-sindicalistas”.<sup>41</sup> Então, assim como Moura, “procuraremos mostrar como o proletariado brasileiro reagiu, lutando para salvar os dois anarquistas da cadeira elétrica”.

Lisa McGirr (2007) destacou que a luta pela liberdade de Sacco e Vanzetti uniu todas as correntes do movimento operário, ou seja, de trabalhistas aos anarquistas, uma causa em comum que superou as diferenças, mesmo de forma breve. Moura (1979) também seguiu esta orientação, apesar de focar mais especificamente no estado de São Paulo, não pontuando muitas ocorrências em outras regiões. Destarte, este capítulo comprova que a visão globalizante de McGirr não correspondeu com o que ocorreu no Rio Grande do Sul. De qualquer forma, é imprescindível colocar que

Baseando-se em redes anteriores, solidariedades e identidades, impulsionado por um sentimento de força operária de curta duração, mas poderoso, o movimento em favor dos homens cristalizou-se em um momento único

<sup>41</sup> Edilene Toledo (2010) discutiu posteriormente sobre as posições teóricas e práticas de muitos militantes no Brasil. Ela, em linhas gerais, questionou o conceito anarquismo ou anarco-sindicalismo dado aqueles militantes. Para ela, foi o sindicalismo revolucionário a ideologia predominante no movimento operário radical do Brasil. Já Tiago Bernardon de Oliveira (2009) considerou que é correto afirmar que aqueles autodeclarados anarquistas, eram, realmente, anarquistas. E, a grosso modo, os anarquistas aproveitavam-se das práticas do sindicalismo revolucionário para propagar os seus ideais. Estas posições distintas não poderiam deixar de serem citadas, apesar de não poderem ser melhor exploradas no momento.

de mobilização coletiva internacional. Embora o mundo nunca voltasse a testemunhar um protesto internacional, operário, de alcance comparável, o movimento para salvar Sacco e Vanzetti destacou as redes transnacionais cada vez mais persistentes que continuaram a moldar os movimentos sociais ao longo do século XX (McGirr, 2007: 1085).<sup>42</sup>

Olhar para os jornais que não eram militantes foi a forma de perceber os impactos do caso na sociedade, visto que eles foram condenados por roubo e assassinato. A defesa conseguiu retardar a execução, o que levou o *Correio do Povo* considerar esta sequência de adiamentos “a prova de que existia dúvidas a respeito da culpa” (*Correio do Povo*, 5.08.1927, p. 6). Em outras palavras: as provas não eram suficientes para incriminá-los. Havia a percepção que existia uma atmosfera de medo e perseguição, que aliava o fato deles serem italianos e o preconceito étnico do júri norte-americano. Então, em 23 de agosto de 1927, o juiz Thayer fez cumprir a sentença em Braintree, no estado de Massachusetts.

Condenados por um crime que não cometeram, ou que “se” infringiram a lei, foi por necessidade. Deste modo, a “história da Liberdade” foi marcada “sobre um rastilho de mártires” (*O Syndicalista*, 1.05.1928, p. 2). E, para melhor compreender este fenômeno, foi necessário observar a série de publicações e as manifestações existentes em Porto Alegre através de dois aspectos: 1) o associativismo como fenômeno de organização de agendas de manifestações; e 2) a solidariedade de classe.

Os trabalhadores voltaram o foco para a condenação e execução de Sacco e Vanzetti. Através deles foi possível apresentar um exemplo concreto das injustiças sociais e das perseguições políticas ocorridas pelo mundo. A crença anarquista baseava-se na união operária, fundamental para expressar a força e a capacidade organizativa do proletariado em prol de uma causa. Para a lógica deles, havia uma “luta milenária e gigantesca entre a barbárie e a civilização”, na qual “se destacam, por etapas, as odisséias dos heróis singulares e das multidões insubmissas em atitudes soberbas, projeções fulgurantes, que marcam com caracteres indelévels, nessa epopeia sem par, os sulcos profundos das realizações gloriosas” (*O Syndicalista*, 1.05.1928, p. 2).

A luta milenar trazia o “exemplo incomparável” de combate justo. Foi, então, pontual uma série de casos, tais como as “barricadas de Paris (1871)

<sup>42</sup> Original: “Building on earlier networks, solidarities, and identities and impelled forward by a short-lived but powerful sense of transnational worker solidarity, the movement in the men’s favor crystallized in a unique moment of international collective mobilization. Although the world would never again witness an international, worker-led protest of comparable scope, the movement to save Sacco and Vanzetti highlighted the ever denser transnational networks that continued to shape social movements throughout the twentieth century”.

cobertas de cadáveres de comuneiros”, além dos “cadafalsos erguidos em Chicago (1886 11 de novembro) e dos quais Parsons, Fischer, Spies e Engels, lançaram o brado de guerra à tirania” (*O Syndicalista*, 1.05.1928, p. 2). A sequência cita outros casos, mas, um em especial chamou a atenção: Francisco Ferrer y Guardia, executado em 1909.

Ferrer y Guardia ocupava espaço de destaque na imprensa anarquista do Rio Grande do Sul desde a década de 1910. As suas concepções de educação eram difundidas entre os libertários e, comparar o caso Sacco e Vanzetti com a execução de Ferrer y Guardia era, neste sentido, uma grande responsabilidade histórica. Pois bem, segue agora as considerações do *Syndicalista*:

Salve oh! Mártires que com o vosso infinito sacrifício escrevestes as páginas mais brilhantes da história da humanidade e... ainda mais: alcançaste mudar a face da história.

Mártires! (...)

O vosso exemplo é o mais sólido pedestal das afirmações revolucionárias, a coluna inabalável do edifício social dos homens livres (*O Syndicalista*, 1.05.1928, p. 3).

Os mártires, segundo a lógica apresentada, eram responsáveis diretos pela construção de uma sociedade mais justa. O mártir não deixava de ser um herói, mesmo que não tivesse obtido o êxito total na sua empreitada, as suas ideias e exemplos de vida seriam eternos. Para ilustrar os mártires, os anarquistas publicavam as suas faces (*O Syndicalista*, 1.05.1928, p. 2.).

Os jornais que eram publicados com mais frequência, tais como o *Diário de Notícias* e *O Correio do Povo*, procuraram informar os leitores a respeito das manifestações locais e mundiais, como também sobre o caso em si. A constar, no dia 10 de agosto de 1927, ocorreu um “comício” que “teve início às 16 horas e já muito antes desta hora a praça da Alfandega se achava repleta de povo para assistir ao mesmo” (*Diário de Notícias*, 10.08.1927).

O comício tinha a mensagem clara, que era “de palavras de veemente protesto contra a sentença de morte a que foram condenados Sacco e Vanzetti”. Ocupar o espaço público, com a organização operária significava, naquele momento, um apelo para

que o povo de Porto Alegre, especialmente as classes trabalhadoras, reunidas em praça pública, secundando a ação do Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti da Federação Operária, deixar veemente lançado o seu protesto contra esse hediondo crime, que é um verdadeiro atentado à civilização de todos os povos (*Diário de Notícias*, 10.08.1927).

A classe trabalhadora consciente de seu papel histórico, responsabilizar-se-ia com o boletim lançado anteriormente pelos próprios operários, que dizia:

“nós os operários de P. Alegre, temos de fazer um último esforço em conjunto com os operários do mundo inteiro para salvar a esses dois inocentes” (*Diário de Notícias*, 9.08.1927, p. 2). A missão era óbvia: “protestar e exigir a liberdade de Sacco e Vanzetti” até o último o momento. A arma já era uma “velha conhecida”, “a greve de Solidariedade com Sacco e Vanzetti”.

Em alguns eventos foi perceptível que “os oradores em seus discursos historiaram o processo a que foram submetidos Sacco e Vanzetti” (*Diário de Notícias*, 9.08.1927, p. 1), e, em praticamente todos os momentos, eles acabaram “taxando de ‘injustiça’ a sentença que os condenou a morte”.<sup>43</sup>

O *Correio do Povo* noticiou sobre Boston, através das agências de notícias, que no dia 2 de agosto o governador Fuller, do Massachusetts, “teve uma conferência com o juiz sr. Webster Thayer, que presidiu ao processo contra Sacco e Vanzetti” (*Correio do Povo*, 3.08.1927, p. 1). Em linhas gerais,

A conversa versou sobre o caso. O juiz Thayer, por vezes, se recusou a aceitar as apelações da defesa, no sentido de se proceder a um novo julgamento, sendo, por duas vezes sustentado, a sua decisão pela Suprema Corte, durante seis anos. Desde que Sacco e Vanzetti foram condenados, o sr. Thayer tem sido o alvo preferido das pessoas que defendem os anarquistas, os quais acusam o magistrado de ter agido por um estreito preconceito, em vista das ideias políticas dos acusados.

De Boston soube-se que o comitê de defesa de Sacco e Vanzetti era “financiado por contribuições vindas de toda a parte do mundo”. Em outras palavras, o “mundo” estava atento ao que ocorria nos Estados Unidos da América. Mas não adiantou, o *Correio do Povo* teve que publicar que “consumou-se, anteontem, nos Estados Unidos, o terrível erro judiciário” (*Correio do Povo*, 1927). Então, o jornal utilizou o espaço para emitir uma opinião, ou, melhor, um parecer sobre o ocorrido.<sup>44</sup> Publicaram: “erro? Não, crime, porque vai uma boa distância entre uma injustiça perpetrada de boa fé, e uma injustiça deliberadamente cometida”.

Injustiça que era consciente. Os juristas sabiam que aquilo era uma farsa. A lógica possuía alguns argumentos, os quais se destacaram: 1) foram condenados “pelo crime de professarem opiniões anarquistas”; 2) a Justiça estadunidense os condenou, por teimosia e orgulho, pois “os executaram, apesar do clamor universal, para demonstrarem que são senhores absolutos em sua casa e não admitem nela ingerência estranha”; e, 3) “o seu horrível orgulho nacional”.

O erro parecia estar atrelado ao orgulho nacional. A ameaça em relação às ideologias do mundo externo criou um sentimento de medo. O chauvinismo foi um divisor étnico e cultural no período (Purdy, 2007). As conclusões foram

<sup>43</sup> Grifo nosso.

<sup>44</sup> O autor se chamava Raul Pilla.



pertinentes para melhor compreender o pensamento local, já que o jornal era um influenciador desta formação.

Quanto aos espaços ocupados pelos trabalhadores, eles iam desde as sedes das sociedades operárias, às praças e as ruas. Tornar visível, grande e organizado o protesto. Demonstrar a força da união da classe e a necessidade da luta por melhorias. O movimento pró Sacco e Vanzetti porto-alegrense conseguiu relacionar todos estes atributos com a causa que defendiam. Conquistaram o espaço na imprensa para pontuar os seus anseios e, também, deram voz a dois italianos condenados no outro lado do continente. O comitê desta cidade colaborou para o sentimento de empatia por aqueles anarquistas.

No mundo associativo tornou-se possível perceber que, apesar de estarem no mesmo lado na luta de classes, existiam as rivalidades que muitas vezes superavam em a solidariedade. Logo, foi necessário identificar as relações com os diversos grupos existentes, sejam anarquistas, trabalhistas e/ou comunistas. Então, dentro da lógica de que ao *fazer-se* da classe operária porto-alegrense, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) e as lideranças articularam-se e criaram uma espécie de cultura associativa.

No entanto, a partir das evidências foi possível destacar a existência da troca de ideias, textos e manifestações que não se limitavam a fronteiras nacionais. Levando em consideração que as instituições de representação operária se fizeram nos planos centrais, seja como organizadores, divulgadores e participantes efetivos, foi encontrado os seguintes dizeres, os quais afirmavam que “as expressões mais visíveis e mais estruturadas das parcelas organizadas do operariado são precisamente as instituições por elas criadas” (Batalha, 1997: 92).

Além do mais, não se pôde esquecer que os “inimigos” não estavam apenas fora da classe. Então, muitas vezes os “rivais” estiveram no interior do movimento operário. Estes eram identificados naqueles que aderiram a outras correntes ideológicas. Um exemplo procedeu com os trabalhadores que compuseram o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Estes militantes enviaram um delegado para dialogar com os anarquistas. Esta situação motivou os anarquistas a escreverem que logo “o ‘Partido’ resolveu, tomar parte ativa na agitação Pró Sacco-Vanzetti, portanto, eles queriam colaborar com os anarquistas neste caso” (*O Syndicalista*, 15.11.1927, p. 4). A resposta foi imediata, e somando as divergências internacionais existentes entre anarquistas e comunistas, obtiveram, os comunistas, o retorno negativo. Já que os libertários,

depois de considerar-se a proposta, o Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti, resolveu, não aceitar a colaboração do ‘Partido Comunista’ em vista, que eles apoiam diretamente ou indiretamente a um governo que martiriza a dezenas de revolucionários, inclusive anarquistas (*O Syndicalista*, 15.11.1927, p. 4).

Caso contrário ocorreu em relação ao envolvimento e a participação dos trabalhistas nestas ações. A respeito desta participação não foram encontrados vestígios que apontem a rejeição da participação deles nos comícios e comitês organizados pelo movimento libertário porto-alegrense.

Entre lutas internas e externas, concluiu-se que deve-se pluralizar os movimentos pró Sacco e Vanzetti no Brasil e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul. A partir de Katherine Anne Porter e do *Syndicalista*, tornou-se viável tal afirmação. Deste modo, apesar de não ocorrer aqui, se faz necessário o aprofundamento de estudos referentes as concepções, aos reflexos e as utilizações políticas da imagem de mártir de Sacco e Vanzetti. Afinal, a luta era para salvar a vida deles ou serviam apenas para exemplificar a luta de classes?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, os defensores de Sacco e Vanzetti se articularam em vários países. Mesmo com esta consideração, não foi possível concluir que havia um grande movimento organizado e coeso. Entre eles existiam diferenças ideológicas e de prática. Existiam ações que, até o momento, parecem mais espontâneas do que articuladas, mesmo considerando que foram inspiradas em ações oriundas de outras localidades. A coesão aparentava estar mais no discurso da defesa da vida deles do que naquele voltado para a luta de classes.

A partir dos jornais não foi possível identificar confrontos em Porto Alegre. Apesar disso, houve tensão entre os manifestantes e a polícia de diversos países. O medo de ataques contra os prédios públicos e de representação estadunidense era o que mais mobilizava a segurança pública. O centro real de debates e manifestações públicas dos comitês ocorreu em agosto de 1927. A data da execução se aproximava e os comícios e greves aumentavam.

A morte de dois italianos, anarquistas e trabalhadores serviu de exemplo para os operários que liam os jornais anarquistas. Para *Correio do Povo*, aquilo tudo era um grande erro judiciário ou, no máximo, uma crueldade baseada na falta de certeza daquele poder.

Nos Estados Unidos da América, havia a contenção policial contra os avanços dos defensores de Sacco e Vanzetti. Houve muita mobilização, e, com elas, muitas detenções. Enquanto isso, os jornais noticiavam os acontecimentos locais e internacionais. Dando ênfase nos atentados terroristas de grupos anarquistas, que lutavam a favor daqueles dois italianos.

A imprensa dava conta de publicar as suas versões, que seguiam as agências de notícias ou pareceristas selecionados segundo os seus critérios. A lógica seguia, muitas vezes, a orientação da perseguição contra a liberdade estadunidense. No caso, os atentados contra embaixadas ou representações oficiais do Estado, eram considerados atos contra a nação. Assim foi alimentado o chauvinismo do período.

Enfim, não foi a intenção investigar a inocência de Sacco e Vanzetti. A ideia foi verificar o protesto no Rio Grande do Sul e as repercussões do caso. Em Porto Alegre, única cidade viável de ser estudada no momento, as manifestações agitaram a classe trabalhadora local. Pela classe e para a classe foi a lógica defendida e, pelo que tudo indicou, a realidade.

## FONTES

- Correio do Povo*, Porto Alegre, 3.08.1927, p. 1.  
*Anarkos*, Montevideú, 8.12.1921, p. 2.  
*Schenectady Gazette*, Nova York, 23.08.1927, p. 6.  
*O Syndicalista*, Porto Alegre, 1.05.1928, p. 2.  
*The Times Union*, Nova York, 22.08.1927, p. 1.  
*Buffalo Courier-Express*, 5.08.1927, p. 2.

## SÍTIOS VIRTUAIS

- AMNESTY INTERNATIONAL, disponível em [[https://www.youtube.com/watch?v=hOOYjUcq\\_Og](https://www.youtube.com/watch?v=hOOYjUcq_Og)]. Consultado em 17.03.2017.  
BAEZ, Joan, disponível em [<http://www.joanbaez.com/>]. Consultado em 17.03.2017.  
MORRICONE, Ennio, disponível em [<http://www.enniomorricone.org/it/>]. Consultado em 17.03.2017.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATALHA, Cláudio (1997): “Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário”, *Anos 90*, Porto Alegre, 8, pp. 91-99.  
BENCIVENNI, Marcella (2011): *Italian Immigrant Radical Culture: The Idealism of the Soversivi in the United States, 1890-1940*, New York, New York UP.  
CARLUCCI, Severino (s/d): “Il monumento a Sacco e Vanzetti a Torremaggiore”. Consultado em 08.10.2016, disponível em [[http://www.ifontanaritorremaggiore.si.com/files/il\\_monumento\\_a\\_sacco\\_e\\_vanzetti\\_1-10.pdf](http://www.ifontanaritorremaggiore.si.com/files/il_monumento_a_sacco_e_vanzetti_1-10.pdf)].  
KREITNER, Richard (2014): “Menino, the mayor who welcomed Sacco and Vanzetti”, *The Boston Globe*. Consultado em 08.10.2016, disponível em [<https://www.bostonglobe.com/ideas/2014/11/23/menino-mayor-who-welcomed-sacco-and-vanzetti/0vdxh5w4NvAXDbDaRvhMDI/story.html>].  
JENSEN, Richard Bach (2001): “The United States, International Policing and the War against Anarchist Terrorism, 1900-1914”, *Terrorism and Political Violence*, London, 13, 1, pp. 15-46.

- MARINELLI, Michele (2007): "Sacco e Vanzetti, vittime innocenti del pregiudizio razzista", *Il calendario del popolo*, 722, pp. 43-48.
- MCGIRR, Lisa (2007): "The Passion of Sacco and Vanzetti: a Global History", *The Journal of American History*, 93, 4, pp. 1085-115.
- MOURA, Clovis (1979): *Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro*, São Paulo, Ed. Brasil Debates.
- OLIVEIRA, Tiago Bernardon de (2009): *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*, Niterói, RJ, Universidade Federal Fluminense.
- PORTER, Katherine Anne (1978): *Sacco e Vanzetti: um erro irreparável*, Rio de Janeiro, Salamandra.
- PURDY, Sean (2007): "O século americano". Em L. KARNAL (Org.), *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*, São Paulo, Contexto, pp. 149-231.
- SACCO, Nicolás y VANZETTI, Bartolomé (2011): *Sacco y Vanzetti: sus vidas, sus alegatos, sus cartas*, Buenos Aires, Terramar.
- SCHMIDT, Regin (2004): *Red Scare. FBI and the origins of Anticommunism in the United States, 1919-1943*, Copenhagen, Museum Tusulanum Press.
- SELIMAN, Amir (2011): *Immigration atrocities in the "land of opportunity": the path to social justice*, New Jersey, The State University.
- TOLEDO, Edilene (2010): "O Sindicalismo Revolucionário no Brasil no início do século XX: a obra de De Ambris, Sorelli e Rossoni". Em M. T. CARNEIRO (Org.), *História do Trabalho e História da Imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*, São Paulo, Fapesp, pp. 183-203.
- TUDINI, Flavia (2013): "Sacco e Vanzetti: caso giudiziario o affaire?", *Diacronie*. Consultado em 6.12.2015, disponível em [<http://diacronie.revues.org/160>].